

PENÉLOPE

**QUETZAL EDITORES
LISBOA, 1988**

Composição e impressão: *Tipografia Guerra, Viseu*
Capa e arranjo gráfico: *Rogério Petinga*
Depósito legal n.º 19712
NQZ.09.001.37.88

ESTUDOS

AS PRODUÇÕES DE CEREAIS
NA REGIÃO DE ÉVORA
NO FIM DO SÉCULO XIX

MARIANO FEIO

Universidade de Évora

JOÃO CABRAL DA SILVEIRA

CONHECE-SE bastante bem o que era a agricultura do Alentejo na parte final do século passado, mas apenas em termos gerais. Os elementos de concretização quantitativa conhecidos são, por enquanto, muito escassos, embora os arquivos empresariais e as contabilidades de lavradores esclarecidos, cuja existência se conhece, deixem prever, quando aproveitados, razoável abundância de valores. Pensamos que o conhecimento quantitativo de muitos casos concretos é a via principal para se fazer uma ideia aproximada das produções que de facto se conseguiam obter naquela agricultura tão diferente da actual, principalmente por não se usarem adubos químicos, por as operações serem todas feitas a braço e a gado e por os cultivares serem diferentes dos actuais. Com efeito, a variedade de situações é tão grande, consequência das grandes diferenças entre os solos, secundariamente de outros factores naturais e humanos, que só a multiplicação de valores pontuais de confiança permitirão um dia fazer uma ideia segura do conjunto.

É neste espírito que se traz esta modesta contribuição, baseada num documento do arquivo de um de nós (J. C. S.) e que consiste num mapa de sementeiras da Herdade da Pereira na escala de 1:4000. Por cima do desenho há um apontamento minucioso das sementeiras e colheitas de 1899/1900, cujos resultados se apresentam na página seguinte. As áreas são dadas em hectares (ha), mas com o rigor excessivo de seis casas decimais, e as quantidades de cereais em alqueires, mas com o cuidado de referir a capacidade em litros. Todo o desenho é muito cuidado e refere-se só às sementeiras do ano, o que indica que houve medição das áreas semeadas nesse ano, o que é raro e confere grande exactidão aos resultados. O lavrador, rendeiro da propriedade de 1883 a 1918, era Miguel de Matos Fernandes, irmão e gestor agrícola da grande proprietária e capitalista D. Inácia Ramalho¹. Dispunham de recursos e sabiam utilizá-los. O mapa das sementeiras foi oferecido aos proprietários da

Folha	Cereal	Área ha	Sementeira total kg	kg/ha	Colheita total kg/ha	
						<i>Alqueives:</i>
1	trigo Barbelo	10,6	765 kg	72,2	6078 kg	573 charrua, 60 un./ha fósforo
1	trigo Barbelo	83,6	4802	57,4	34 405	412 charrua, meload e esterco ovelha
2	cevada branca	28,0	2436	87,0	26 309	940 charrua, toda estrumada
		<u>122,2</u>				
						<i>Relvas:</i>
3	trigo rijo	5,6	208	37,3	2703	483 relva de superfosfato
3	trigo Barbelo	6,8	487	71,6	2888	425
3	centeio	46,7	1339	28,7	17 675	378
4	centeio	16,8	443	26,4	5840	348 relva de esterco e cevada
4	trigo tremez	12,0	545	45,4	2691	224 relva de esterco e cevada
		<u>87,9</u>				
						<i>Sub-relvas:</i>
5	aveia	62,7	2300	36,7	31 050	495 metade sub-relva de estrumada
						<i>Resumo:</i>
	Cereal			Colheita	Área	kg/ha
	trigo			48 765	118,6	411
	cevada			26 309	28,0	940
	centeio			23 515	63,5	370
	aveia			31 050	62,7	495

Herdade da Pereira quando o «palácio», construído pelo lavrador Ramalho, foi vendido à companhia de seguros Mundial. Há testemunhos de que nesta ocasião foi destruída grande quantidade de documentos, muitos deles certamente preciosos, a avaliar pelo que se refere na nota 1.

A Herdade da Pereira fica situada a cerca de 6 km ao sul de Évora e tinha ao tempo 1253 ha, incluindo as propriedades anexas de Figueira da Légua, Vila Fria e Courela do Campo. Pela *Carta de Capacidade de Uso*, do SROA, na escala de 1:50 000, é constituída na grande maioria por terras medianas (83% da classe C) e ainda por 14% de terras boas (da classe B) e por pequena percentagem de terras francamente más (3% da classe D).

A área total semeada é de 272,8 ha; no documento, a soma dá um pouco mais, certamente por lapso, e consideram-se mais uns 5 ha de caminhos, etc.

Todas as produções unitárias, com excepção da cevada, são evidentemente muito baixas; voltaremos ao assunto mais à frente. Note-se que todo o alqueive foi estrumado, a não ser uma pequena área de 10,6 ha, que quase se pode considerar como experiência, que foi adubada com superfosfato. A dose de 60 unidades de fósforo (500 kg de adubo a 12%) é perfeitamente aceitável e nota-se o resultado, pois o trigo desta parte da folha, Barbelo como na outra parte, produziu mais 161 kg/ha (aumento de 39%), o que é muito e não é, pois a dose de adubo empregada custava então o correspondente a 197 kg de trigo (em 1987, 120 kg).

A diferença de produção unitária da cevada para o trigo foi neste ano superior ao normal, que, segundo a «memória» do concelho de Évora, a que nos referiremos mais adiante, é da ordem dos 25%; como o preço do trigo era o dobro do da cevada, compreende-se que a primeira cultura dominasse, apesar de a segunda produzir melhor.

Os restolhos das searas do ano anterior, isto é, as «relvas», eram semeadas de trigo e de centeio; é provável que os traba-

lhadores permanentes também tivessem aqui a sua seara, por semelhança com o que se passava em Serpa², elevando a área semeada nas relvas à área do alqueive.

As aveias iam para as «sub-relvas», isto é, para as searas do ano seguinte.

Havia apenas 3,5 ha de cultura de favas e de batatas, que vêm assinaladas no mapa em conjunto, talvez por se tratar de pequenas parcelas de trabalhadores. O consumo da casa era pequeno, pois os bois não comiam favas e só havia duas parcelhas de muares.

Praticavam-se com certeza culturas de Primavera — o quadro refere-se apenas às temporãs e omite-as, portanto. As usuais na região eram o milho, o feijão frade, o grão-de-bico e o chícharo, tudo de sequeiro. Em regra, cultivavam-se áreas pequenas, dirigidas ao consumo do pessoal da casa agrícola. Estas culturas tinham lugar na folha do alqueive, no próprio ano em que se faziam estas lavouras de preparação da terra.

A rotação podia esboçar-se do seguinte modo: uma folha para as lavouras de alqueive, em parte revestida com as culturas de Primavera; outra folha para as culturas do Inverno seguinte (as culturas mais valiosas, que se procuram instalar nas melhores condições, neste caso o trigo e a cevada); outra folha para as relvas; e outra para as sub-relvas. Como cada folha cabe cerca de dez vezes na herdade, segue-se que, a seguir às culturas, devia haver pouco mais ou menos um período de seis anos de pousio.

A área semeada que se referiu atrás é confirmada, *grosso modo*, pela *Carta Agrícola* (folha 163), na escala de 1:50 000, publicada em 1890/91; a área total, citada na rubrica «Culturas Arvenses», que se mede nesta carta anda pelos 460 ha. Nesta rubrica incluía-se o alqueive, de modo que, se fizermos as contas na base das áreas de 1899, teremos três folhas a 125 ha (alqueive, culturas a seguir ao alqueive e culturas em relva) e 65 ha para a aveia das sub-relvas, o que totaliza 440 ha, valor concordante com a *Carta Agrícola* de 1890/91. A herdade, por

esta carta, não tinha nem mato nem montados: tudo o que não eram «culturas arvenses» eram pousios e pastagens naturais.

Para apreciar as produções unitárias convém compará-las com outras da época e fazer uma ideia de como correu o ano no referente ao clima. As chuvas na estação de Évora em 1899-1900 foram as seguintes: Set. 20 mm, Out. 141, Nov. 37, Dez. 51, Jan. 29, Fev. 180, Mar. 37, Abr. 47, Maio 94, Jun. 1, Jul. 1, Ago. 23. O total anual foi de 661 mm, apenas 2% acima da média relativa a um grande período, que é de 647 mm. A distribuição das chuvas não foi particularmente favorável nem desfavorável; parece assim estar-se perante um ano médio. Não se esqueça, porém, que, com este nível de chuvas e nestes solos, um ano médio de chuvas é um ano fraco de searas; mas estes são os mais frequentes. Outros factores, como as ferrugens e os ventos quentes de levante, também influenciam as produções, embora menos do que as chuvas; não dispomos, todavia, de elementos para apreciar a sua incidência neste ano.

Para fazer comparações com as produções unitárias da Herdade da Pereira, que apresentámos atrás, impõe-se em primeiro lugar a «memória» da estatística agrícola do concelho de Évora, publicada sem título no *Boletim da Direcção-Geral de Agricultura*³. É uma obra extensa e pormenorizada, na sequência das memórias começadas com o concelho de Beja por G. A. Pery⁴ em 1883, mas que não tem, como se vai ver, a qualidade do trabalho elaborado por este notável estudioso e investigador. A memória de Évora indica as produções unitárias por classes de terra e por freguesias (no nosso caso, importam as de São Jordão e de São Marcos da Abóbada, hoje extintas, mas que eram as da Herdade da Pereira naquele tempo); as produções que nos interessam são as das terras de segunda classe, de resto iguais nas duas freguesias referidas; para o trigo, o valor indicado é de 13,9 hl/ha, que corresponde a 1112 kg/ha. Trata-se de um valor, quanto a nós, extremamente exagerado, pois é muito superior ao indicado por Pery para freguesias de bom «barro»⁵, por exemplo Beringel (756 kg/ha), é também muito

mais elevado do que os obtidos por P. Cortez tanto no «barro» (870 kg/ha) como em terras de potencial mais próximo⁶, e é ainda superior ao da Herdade da Pereira (620 e 650 kg/ha); sem esquecer que o valor de 1112 kg/ha é 2,7 vezes maior do que o de facto obtido na Herdade da Pereira em 1899-1900. Note-se que a utilização de adubos no concelho de Évora era excepcional, como o autor explicitamente refere⁷.

Num caso simples e seguro confirma-se a falta de conhecimentos com que foi redigida a memória de Évora: para terras do tipo das da Herdade da Pereira indicam-se densidades de sementeira de doze alqueires de trigo por ha, ou sejam, 139 kg/ha, uma densidade de hoje, a comparar com valores de 50 a 70 kg/ha, mesmo menos, usados de facto na Herdade da Pereira e seis alqueires ou 66,5 kg/ha obtidos por apreciação de várias fontes⁸.

Uma última crítica: refere o autor⁹ que a aveia é muito sujeita aos ataques da *puccinia graminis*, que causa prejuízos consideráveis, e que os que semeiam desconhecem a natureza da doença e não usam o «remédio fácil e prático de livrar as searas dos ataques de ferrugem» que consiste em mergulhar a semente num soluto a 1:100 de sulfato de cobre. Ora sabe-se que a *puccinia graminis* se transmite por esporos trazidos pelo vento para as folhas; talvez não se soubesse naquele tempo, e isso não é de censurar, mas já o é a leviandade com que se pretende fazer figura com um remédio totalmente ineficaz, estranhando-se ainda por cima que os agricultores não o usem — atitude que não raro se observa ainda hoje.

Para terminar, seria rentável a cultura do trigo com as produções unitárias que se obtiveram na Herdade da Pereira?

O trigo em alqueive não adubado produziu 412 kg/ha, ou seja, a 500 rs. por alqueire, 17\$757 por ha. A despesa, segundo os esboços de contas de P. Cortez¹⁰, era da ordem dos 14\$000 também por ha. Segundo Pery¹¹, adicionando o alqueive, é da ordem dos 19\$000. Contas sem juros do capital circulante, que são de cerca de 500 rs., nem renda da terra, nem valorização

ESTUDOS

da estrumada das ovelhas. Como se vê, uma margem positiva muito pequena, se as despesas se mantiverem no valor indicado por P. Cortez ($17\$750 - 14\$500 = 3\$250$), que se anula rapidamente logo que elas subam um pouco.

No trigo em alqueive e adubado, a produção foi de 573 kg/ha ou 24\$700. As despesas são iguais às anteriores, mais o adubo, que importa em 8\$500.

A cevada em alqueive tem as mesmas despesas do trigo, com o abatimento de 1\$350 por a semente ser mais barata. O cereal valia 250 rs. por alqueire ou 30 rs./kg, o que dá, para a produção de 940 kg/ha, a importância de 28\$200. Aqui sim, com esta alta produção, há bom lucro, da ordem dos 15\$000 por ha. Só quando a produção baixasse para metade o lucro se anularia. Pery indica para a cevada a despesa de 16\$500 por ha¹².

A aveia praticamente só se produzia para consumo próprio.

É quase certo que o rendimento principal vinha dos gados, mas não temos elementos desta lavoura para o apreciar.

*
* *
*

Para terminar, referem-se algumas indicações muito concretas que constam do documento que temos vindo a aproveitar.

Em primeiro lugar, o número de jornais gastos na ceifa, folha por folha; agrupando por cereais e referindo ao ha, temos: no trigo gastaram-se em média 5,5 jornais, na cevada 7,4 (tenha-se em conta que a cevada estava muito boa), no centeio 3,2 e na aveia 3,5.

A sementeira começou no dia 12 de Outubro e terminou em 24 de Novembro. O número de juntas era de 38, sendo duas «tralhoadas» (mais de uma junta a puxar o mesmo arado); havia ainda duas parelhas de muares. As geiras de sementeira foram: de arados de bois 414, de «tralhoada» 26, de parelha 65, no total de 505, ou seja, quase duas geiras por ha.

O tratamento dos bois era o seguinte: durante a noite permaneciam na «cabana», comendo palha de trigo tremez; ao meio-dia tinham duas horas de descanso; na merenda e à noite comiam seis litros de aveia por animal e moinha de cevada branca (assinale-se que era uma ração muito boa).

NOTAS

¹ Miguel de Matos Fernandes era primo-irmão do lavrador Miguel Fernandes, que na mesma época se distinguiu muito em Beja (v. Miguel Fernandes, *A Cultura do Trigo pelos Abudos Químicos no Baixo Alentejo*, Lisboa, 1899, 64 pp.). D. Inácia Fernandes Ramalho era viúva do lavrador J. M. Ramalho Perdigão, que fez grande fortuna, segundo as más línguas, com origem em fundos que se desencontraram de D. Miguel, em fuga, e que terão aproveitado a conjuntura muito favorável da desamortização, que pôs à venda muitas propriedades, com a consequente baixa de preços. D. Inácia casou em segundas núpcias com o médico Dr. Francisco Barahona e não teve descendência.

² Mariano Feio, «Uma grande lavoura de Serpa na segunda metade do séc. XIX. A cultura dos cereais e dos legumes», *Finisterra*, XX, 40, Lisboa, 1985, p. 219.

³ *Boletim da Direcção-Geral de Agricultura*, ano 7.º, n.º 3, Lisboa, 1895.

⁴ Gerardo Augusto Pery, *Estatística Agrícola do Distrito de Beja. Parte I — Concelho de Beja*, Lisboa, 1883, 55 pp.

⁵ Id., *ibid.*, p. 28.

⁶ M. Feio, *op. cit.*, p. 230.

⁷ *Boletim da Direcção-Geral de Agricultura*, *op. cit.*, p. 202.

⁸ M. Feio, *op. cit.*, pp. 225-227.

⁹ *Boletim da Direcção-Geral de Agricultura*, *op. cit.*, p. 206.

¹⁰ M. Feio, *op. cit.*, p. 247.

¹¹ G. A. Pery, *op. cit.*, p. 20.

¹² Id., *ibid.*, p. 21.